

Religião, ciência e invenção no filme *Quem somos nós?*

Leila Marrach Basto de Albuquerque
UNESP – Rio Claro

Resumo

O filme *Quem somos nós?* apresenta duas narrativas sobrepostas: uma, constituída de depoimentos de diferentes profissionais do campo da ciência e da religião e, outra, composta por um enredo simples que tem função ilustrativa dos argumentos apresentados nos depoimentos. Este ensaio almeja analisá-lo como expressão de experimentações que se valem de idéias científicas e religiosas voltadas para recontar a história do homem e do mundo. Considera, para tanto, a crise do instituído como circunstância histórica para emergência desse fervor instituinte que é caótico, inusitado e dissensual.

Palavras-chave: religião, ciência, anomia, auto-ajuda.

Abstract

The film *What the bleep do we know!?* presents two overlying narratives: one constituted of testimonies given by different professionals from the field of science and religion, and the other composed of a simple plot that has the purpose of illustrating the arguments presented in the testimonies. This essay strives to analyze the film as an expression of experiments that avail themselves of scientific and religious ideas focused on re-telling the history of humankind and the world. It considers, therefore, the crisis of the instituted as an historical circumstance for the emergence of this instituting fervor which is chaotic, unusual, and lacking in consensus.

Key words: religion, science, anomy, self-help.

Ponto de partida

O interesse em analisar o filme *Quem somos nós?* (CHASSE et alii, 2005) se prende ao fato de encontrar nele rico material para refletir acerca das relações entre a ciência e a religião na atualidade. O filme é uma combinação de depoimentos intercalados por um enredo relativamente simples e lida com a ciência e a religião de modo não convencional para ambas as instituições. Constitui um exemplo das muitas experimentações que compõem a pós-modernidade, o que me estimulou a ensaiar uma análise da sua proposta. Passo, então, a descrever o filme para depois indicar o meu caminho para interpretá-lo.

As cenas iniciais mostram imagens de um oceano, raios, explosões de luzes e a legenda: “No início era o nada fervilhando de infinitas possibilidades das quais você é uma delas” (*Ibid.*). Em seguida, mais explosões de luzes, imagens de planetas e rostos de pessoas que vão aparecendo na tela e falam fragmentos de frases. Essas imagens se encerram com uma indagação: “Tudo me fez observar o mundo ao nosso redor. Então, como você pode continuar a ver o mundo como uma realidade, se o Ser que determina essa realidade é inatingível?” (*Ibid.*).

No seu conjunto, essas cenas combinam imagens com algumas palavras ou frases que, associadas, evocam uma cosmologia fundada em elementos científicos. Além disso, algumas frases introduzem o homem, sugerindo hipóteses ou formulando indagações acerca das suas potencialidades e capacidades.

Após essas primeiras cenas, inicia-se o enredo que se resume no seguinte: Amanda é uma fotógrafa que está em crise devido o fim do seu casamento. Essa circunstância a torna uma pessoa desiludida e amarga em relação à vida e a leva a recorrer a medicamentos próprios para esta situação. Diferentes circunstâncias lhe mostram a relação entre a qualidade do pensamento e os acontecimentos da sua vida que a levam, paulatinamente, a questionar as premissas fundamentais da sua existência e a mergulhar numa experiência de relativização da realidade cotidiana: o trabalho, os relacionamentos, as pessoas ao seu redor e as crenças religiosas se mostram ilusórios, meros envoltórios de dimensões ocultas que ela passa, então, a desvelar. Essa experiência, de início caótica, leva Amanda a libertar-se da determinação dos acontecimentos, ganhar sabedoria e adquirir capacidades criativas que lhe permitem conduzir a própria vida e, sintomaticamente, vemos a heroína jogar fora o seu frasco de medicamentos no final do filme. Para reforçar os aspectos fantásticos dessa narrativa, a trajetória de Amanda é diversas vezes comparada ao conto *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carrol.

Com o recurso da animação o enredo é, oportunamente, acompanhado de imagens oriundas do universo científico, como átomos, moléculas, neurônios e fórmulas matemáticas. Concomitantemente, depoimentos em *off* ou não, retirados do universo da física quântica, da química, da religião, da psicologia, das neurociências e até da história da ciência são apresentados por especialistas desses diferentes campos. Ao final do filme ficamos sabendo quem são eles, os seus nomes e as suas especialidades: são físicos, neurologistas, médicos, uma bióloga, um professor de teologia e uma médium.

Destaco as questões lançadas logo no início do enredo, “Quem somos nós? De onde viemos? O que devemos fazer? Por que estamos aqui? O que é realidade?”, que oferecem oportunidade para avaliações dos pressupostos básicos da nossa experiência no mundo, lançando dúvidas acerca da plausibilidade da nossa realidade cotidiana e tornando anômicas nossas explicações rotineiras. Os comportamentos habituais derivados da educação e da vida em sociedade são reduzidos a vícios, de acordo com um dos depoimentos que o filme apresenta:

Por que você tem vício? Porque não tem nada melhor. Não sonhou com nada melhor. [...] Se eu mudar minha mente, mudarei minhas escolhas? Se eu mudar minhas escolhas, minha vida mudará? Por que não consigo mudar? Em que estou viciado? Irei perder aquilo em que estou quimicamente apegado. A que pessoa, lugar, coisa, época ou acontecimento estou quimicamente apegado e não quero perder porque posso ter de vivenciar sua privação química? Por isso o drama humano. (*Ibid.*)

Coerentemente, as diferentes concepções de mundo e de cosmo são descritas numa perspectiva histórica que relativiza as certezas do conhecimento científico, como segue em outro depoimento:

Cada época, cada geração tem seus pressupostos estabelecidos: que o mundo é plano, que o mundo é redondo, etc. Existem centenas de suposições, coisas que tomamos como certas, que podem ou não ser verdadeiras. Então, presumivelmente, se a história serve como guia, muito do que tomamos como certo em relação ao mundo, não é verdadeiro. Com frequência, ficamos presos a esses preceitos sem sabermos disso. Isso é um paradigma. (*Ibid.*)

Com esses procedimentos deslegitimadores da cultura e da ciência se abrem caminhos para a apresentação da tese do filme que se resume no seguinte: a teoria quântica desvela possibilidades

da consciência que lhe permitem criar a realidade. Nesse processo, que é individual e subjetivo, transformações bioquímicas no cérebro levariam à superação de comportamentos rotineiros. Um dos depoimentos apresentados no filme sintetiza o seu argumento central: “Estamos aqui para sermos criadores. Estamos aqui para impregnarmos o espaço com idéias e pensamentos” (*Ibid.*). Todo esse potencial teria sido ocultado pela ciência e pela religião, já que uma se apoiaria no determinismo e a outra na existência de um Ser transcendente, ambos responsáveis pela nossa impotência frente aos fatos da vida. Importante chamar a atenção aqui para as imagens de símbolos católicos como santos, velas e uma cerimônia na igreja que acompanham algumas das críticas apresentadas às religiões e às divindades. Pode-se afirmar que a crítica às religiões, neste filme, escolhe o catolicismo como o seu alvo.

O filme desenvolve o seu argumento a partir do pressuposto de que todas as coisas estão interligadas e defende a unidade dos homens com o Grande Ser, como na afirmação de um dos depoentes: “Saber que existe essa interligação do universo, que estamos todos interligados, que estamos ligados ao universo em seu nível fundamental, acho que é uma explicação muito boa para a espiritualidade” (*Ibid.*).

O deslocamento da física quântica do mundo subatômico e a sua referência repetida à vida cotidiana de indivíduos têm como objetivo fornecer pistas para solução de problemas afetivos alçados à categoria de existenciais. Relacionadas estrategicamente ao enredo, essas idéias oferecem um quadro interpretativo às experiências da heroína. Então, ao final do filme temos à mão uma orientação para solução de problemas que se vale do prestígio da linguagem científica e que, ao mesmo tempo, quer se apresentar diferente da perspectiva da ciência clássica e das instituições religiosas. A última frase do filme é inequívoca nesse sentido: “Como podemos medir os efeitos? Temos que viver e ver se em algum momento de nossa vida, alguma coisa mudou. E depois, se tiver mudado, tornamo-nos cientistas ao longo da nossa vida” (*Ibid.*).

As situações apresentadas no filme e vivenciadas pela heroína circunscrevem personagens do meio urbano, de classe média, cujos problemas não ultrapassam os aspectos emocionais e afetivos. Experiências penosas como fome, pobreza, guerras, injustiças sociais e catástrofes naturais, que têm dimensões coletivas e dizem respeito às sociedades e à cultura estão ausentes do argumento e do enredo apresentados. É da libertação individual que dependeria a salvação, igualmente individual.

O *pot-pourri* de depoimentos de diversas áreas do saber poderia funcionar como imagem metafórica para situações existenciais. Mas não é assim, pois o enredo está lá para ilustrar com circunstâncias concretas os enunciados científicos, favorecendo uma transposição literal das imagens científicas para as experiências individuais. Isso se faz através de dois movimentos: 1) das ciências naturais para a religião e 2) do universo subatômico para a dimensão existencial. Essas passagens se realizam pela mediação de um voluntarismo individual e com o recurso das neurociências e de certa psicologia. A vontade individual teria o poder de alterar a química cerebral e criar a realidade (por isso a heroína pode, ao final do filme, dispensar o seu frasco de medicamentos, igualmente químicos).

De fato, o filme compõe-se de duas narrativas: uma que é ficcional, tem a função de ser ilustrativa de outra, que é um discurso de verdade ou uma meta-narrativa, conduzida por pessoas que se apresentam como cientistas. As ciências mobilizadas e o paradigma invocado são, na maioria, os das *hard sciences*, distantes, portanto das experiências coletivas do mundo da cultura. Há, seguramente, um jogo de apropriações da imagem do cientista na sociedade como portador do conhecimento certificado e da verdade. Essa imagem, forjada na modernidade, é usada para conduzir uma crítica aos aspectos deterministas da ciência moderna. Porém, não escapa do destino da própria ciência moderna ao manter a sua motivação original, qual seja, a de oferecer um modo de *fabricação do mundo*, embora a partir de outras noções de sujeito e de realidade (1), que agora valorizam a vontade individual.

Inegavelmente, o filme combate os nossos dois modos institucionalizados de explicar a realidade e de conferir sentido existencial, a ciência e a religião, utilizando os avanços científicos no campo da física quântica e das neurociências como critério para avaliar a ambos.

A ciência e a religião

Uma primeira aproximação ao filme nos mostra que se trata de mais uma proposta de auto-ajuda, cuja característica central é a de atribuir responsabilidade ao indivíduo para solução dos seus problemas. Daí sua feição psicologizante, com ênfase no auto-conhecimento e no auto-aprimoramento, obviamente individuais, como caminhos para o sucesso no trabalho, na resolução de problemas afetivos e na obtenção de bem-estar.

Estas propostas carregam, implicitamente, uma crítica à organização dos saberes dominantes e esperam a emergência de um novo paradigma. São práticas desarticuladas de um conjunto simbólico compartilhado, experiências que prescindem do vínculo social e que se expressam pela combinação de elementos extraídos das mais diversas fontes de conhecimento como as ciências, as artes, as religiões e as tradições. O resultado é um distanciamento das instituições, próprio de um sujeito desconectado em busca de ligação com um *todo imaterial* (integração no todo, no cosmo, na natureza), saltando a instância coletiva. Devido estas características, as propostas de auto-ajuda são desprezadas pelos mais intelectualizados e definidas como superficiais por reunirem, livremente, conhecimentos que são propriedade de diferentes competências profissionais. Porém, a auto-ajuda está aí oferecendo consolo para as contradições do regime neoliberal e, como tal, se impõe como um fenômeno da sociedade, da cultura e do mercado. Suas características permitem entendê-la no conjunto das manifestações da *nebulosa místico-esotérica* de que nos fala Champion, que destaca:

... a centralidade concedida ao “experencial” com a idéia de que “cada um deve encontrar seu caminho” entre os diversos caminhos espirituais, todos eles “verdadeiros” quando se ultrapassa suas formas “exteriores”, “esclerosadas”, “sociais”. (...) e [a recusa ao] postulado dualista das religiões abraâmicas: a separação entre o humano e o divino, a separação do mundo natural e do sobrenatural. (2001, p. 25-26)

Enfim, os procedimentos de auto-ajuda são compatíveis com situações de enfraquecimento da confiança nas instituições sociais e perda de esperança nas soluções coletivas. Fazem refluir as energias para os esforços individuais como caminho para solução de problemas e reconstrução do sentido existencial. Em outras palavras, os usuários da auto-ajuda dispensam as instituições.

Champion também chama a atenção para a aliança entre ciência e religião e a expectativa da emergência de uma *nova ciência* "... que teria redescoberto certo número de realidades concebidas pelas religiões (...)" (2001, p. 27). Aqui vale a pena trazer novamente o filme *Quem somos nós?*. Diz um físico: "Reconhecer o ser quântico, reconhecer o local onde realmente se tem escolha, reconhecer a mente quando ocorre essa mudança de perspectiva, dizemos que a pessoa foi iluminada" (CHASSE et alii, 2005). Ou ainda, outro físico explica: "Jesus e o grão de mostarda interpretado pela física quântica: única ciência que pode interpretar essa parábola" (*Ibid.*).

Ao colocar este filme no contexto de outras experimentações, encontramos o grande líder espiritual Dalai-Lama que também identifica a crise da física clássica e procede a comparações com o Budismo. Neste caso, porém, para legitimar concepções cosmológicas da sua própria religião. Ele afirma:

Para um budista maaiana exposto ao pensamento de Nagarjuna existe uma ressonância inconfundível entre a noção da vacuidade e a nova física. Se, no nível quântico, é revelado que a matéria é menos sólida e definível do que aparenta, então me parece que a ciência está se aproximando das concepções contemplativas budistas de vacuidade e interdependência. [...] Na análise final, para Nagarjuna a teoria da vacuidade não é uma questão de mera compreensão conceitual da realidade. Ela tem implicações psicológicas e éticas profundas. (DALAI LAMA, 2006, p. 32-33).

Sabemos que a secularização das sociedades na modernidade colocou a religião entre parênteses, obrigando-a a procurar abrigo na intimidade da vida privada. Por outro lado, a ciência enquanto organizadora da cosmovisão moderna manteve, nos últimos 400 anos, uma relação diplomática com a religião. Porém, os acontecimentos históricos da segunda metade do século XX, que não cabem aqui discutir, levaram os hábitos científicos, ditos universais, a encontrarem seus limites históricos. A crítica ao pensamento monolítico da ciência abriu caminho para outras vozes, interessadas na instalação de outras narrativas. Neste processo, as religiosidades passaram a desempenhar papel destacado no esforço de desinventar e reinventar a história do homem e do mundo. Porém, ressalte-se, fora das igrejas que agora estão esvaziadas.

Apenas para mostrar as dimensões desse fenômeno, lembremos algumas circunstâncias onde ele se manifesta. Fritjof Capra (1993), em meados dos anos 70, identificava equivalências entre o misticismo oriental e os modelos mais avançados da física. Desde então, filósofos esperam construir uma prática científica mais gentil com o auxílio de idéias religiosas. Sociólogos se voltam para o oriente em busca de sabedoria. Concepções de uma natureza animada e panteísta inspiram projetos ambientalistas. Astrônomos explicam o universo pelo seu poder criativo. Astrólogos auxiliam psicólogos na árdua tarefa de tornar as experiências humanas menos penosas. Médicos atestam a importância da religiosidade no tratamento e cura de doenças. Ondas, moléculas e átomos ganham sentidos transcendentais, distantes do materialismo científico. Energias revitalizam pessoas, objetos e moradias. Velhos esoterismos são recuperados, xamanismos são mobilizados e, mais recentemente, professores se valem de recursos extraídos do mundo religioso como substitutivos para procedimentos pedagógicos. Em síntese, nos últimos 30 anos o religioso vem se expressando na linguagem da ciência e o cientista tem usado a linguagem das religiões.

No caso do filme *Quem somos nós?*, apesar do seu argumento ser construído com proposições extraídas de diferentes campos científicos, é possível encontrar nele diversas situações que tranquilamente remetem ao universo religioso. Cito algumas:

- * A frase inicial do filme (“No início era o nada fervilhando de infinitas possibilidades” (CHASSE et alii, 2005)) faz lembrar o Gênesis bíblico;
- * O recurso à física quântica, com seu princípio de incerteza centrado nas possibilidades, introduz o mistério na ordem do mundo;
- * A experiência de relativização dos acontecimentos cotidianos da heroína e a conseqüente reorientação da sua vida a partir de um novo ponto de vista se dão como um êxtase e poderiam ser identificados a um processo de conversão;
- * A compreensão da física quântica é comparada à experiência religiosa da iluminação;
- * O novo modelo científico proporciona aos indivíduos o poder de criação de mundos e de realidades, o que é atributo dos deuses.
- * E, finalmente, a repetida comparação com o conto *Alice no país das maravilhas* traz o fantástico das mitologias como estrutura narrativa para as experiências da heroína.

Em síntese, por meio da articulação de proposições científicas alçadas à categoria de teodicéias, o filme introduz elementos consoladores próprios das experiências religiosas.

Ponto de chegada

Experimentos como deste filme encontrariam acolhida e ganhariam sentido em diferentes recortes teóricos como: a proposta kuhiana da crise de paradigmas, a destradicionalização das sociedades, o fim das meta-narrativas e o pensamento pós-moderno, os movimentos contramodernos e, como vimos, a imagem da nebulosa místico-esotérica. Isto é, esses diferentes recortes têm em comum apontar para uma quebra de consenso e o conseqüente descompromisso para com os modos de agir, sentir e pensar institucionalizados que se expressam nessa experiência radical de liberdade e desamparo que a pós-modernidade nos brindou. Portanto, não os considero incompatíveis para refletir sobre o filme *Quem somos nós?* Além disso, entendo que é possível aproximar todos esses modos de interpretação da abordagem que Bastide oferece para esse fenômeno: uma Sociologia do instituinte contra o instituído. Via de regra os estudos sociológicos e antropológicos sobre situações de mudança social se fazem tendo em vista a expectativa de um ponto de chegada no futuro, de acordo com projetos acalentados racionalmente. Isso desapareceu do nosso horizonte na pós-modernidade. Assim, conceber a realidade a partir da experiência histórica do

presente nos obriga a admitir não só a anomia mas também os processos instituintes em andamento. Então, para o caso das religiões, Bastide indaga:

Mas será que a morte dos Deuses instituídos acarretaria o desaparecimento da experiência instituinte do Sagrado em busca de novas formas nas quais se encarnar? Será que a crise das organizações religiosas não adviria de uma não adequação, cruelmente vivenciada, entre as exigências da experiência religiosa pessoal e os quadros institucionais nos quais quiseram moldá-la – com vistas, muitas vezes, a retirar-lhe o seu poder explosivo, considerado perigoso para a ordem social? (2006, p. 251-252).

Aliás, é para o contexto das revoluções culturais dos anos 60 e 70, que deram origem a esses experimentos, que Bastide retoma sua reflexão sobre o instituinte. Ele trata dos efeitos da implantação do modelo materialista, racionalizante e secularizante da modernidade e do aparecimento de “reações de defesa angustiada da contramodernidade” (*Ibid.*, p. 211).

Bastide vê nessa contramodernidade como que uma rebelião conduzida por uma criatividade incessante que recorre a experiências extáticas obtidas pela dança, pela música e pelo uso de drogas, próprios de certos rituais de iniciação. Mas que também lança mão da memória, para suprir o imaginário com modos de vida e religiosidades arcaicos, ao lado do uso dos recursos da linguagem da Física, para oferecer a segurança do mundo da ciência. Ele chamou de sagrado selvagem a essa experiência instituinte que não cessa de mostrar formas e combinações novas e surpreendentes. É o que assistimos desde o livro de Capra e de que o filme *Quem somos nós?* seria mais uma expressão.

Importante, também, neste quadro, é que a improvisação e a espontaneidade, próprias do poder instituinte, não resultam em uma comunhão. São experiências desajeitadas, anômicas. Embora seja um fenômeno coletivo é, ainda, dissensual e, portanto, criativo, experimental e até explosivo. Utopia e distopia, pois as coisas estão nascendo com a energia do carisma e a força da imaginação, derrubando fronteiras e tornando os domínios imprecisos. Não há o contágio nem o envolvimento proporcionados por uma comunidade de sentido. Esta só aparecerá com a domesticação dessas energias quando, de algum modo, cessam a criação e a invenção puras, nasce o consenso e se estabelece a administração desses experimentos indisciplinados por parte da instituição. Científica? Religiosa? Não sabemos. Mas saberemos, sim, quem vai recontar a história do homem e do mundo e definir a narrativa verdadeira novamente. Pois como ensina Bastide, “... esses sagrados revoltados vão dar afinal em projetos políticos, terminam em utopias, em construções da razão, em programas planejados de transformação da sociedade” (*Ibid.*, p. 264).

Enfim, para concluir, quero lembrar que com a institucionalização, os despertares e o fervor instituinte retornam sim, mas ritualizados nas comemorações coletivas.

Nota

(1) As noções de sujeito e de realidade definem os atributos do sujeito e os aspectos da realidade que compõem os modos lícitos de produzir conhecimento. No caso da ciência moderna, essas noções têm seu fundamento na ruptura epistemológica (ALBUQUERQUE, 2003, p.14).

Bibliografia

ALBUQUERQUE, L. M. B. de. *Sujeito e realidade na ciência moderna*, São Paulo, Annablume, 2003.

BASTIDE, R. “Prometeu ou o seu abrutre: ensaio sobre a modernidade e a antimodernidade”, in: BASTIDE, R. *O sagrado selvagem e outros ensaios*, São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

_____. “O sagrado selvagem”, in: BASTIDE, R. *O sagrado selvagem e outros ensaios*, São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

CAPRA, F. *O tao da Física*, São Paulo, Cultrix, 1993.

CHAMPION, F. “Constituição e transformação da aliança ciência-religião na nebulosa místico-esotérica”, *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, vol.21, n. 2, 2001(novembro), p. 25-43.

CHASSE, B.; VICENTE, M.; ARNTZ, W. *Quem somos nós?* EUA, Play Arte, DVD, 108 min., documentário, 2005.

DALAI-LAMA. *O universo em um átomo*, Rio de Janeiro, Ediouro, 2006.